

JORNALISTAS NO TEATRO (1)



Um contributo para a afirmação cultural

● *TODOS PASSARAM OU ESTÃO NA «TEMPO»*

TEXTO DE PAULO SÉRGIO ● FOTOS DO ARQUIVO

A existência de profissionais de informação na dinamização da vida cultural entre nós, especialmente na produção de teatro, fomenta a interacção que há entre a arte e o jornalismo. Para lá do seu lado laboral os jornalistas Calane da Silva, Maria Pinto de Sá, José Pinto de Sá, Bartolomeu Tomé e Fernan-

do Manuel e ainda Edérito Armindo e Sérgio Tique (que por coincidência se ligaram à revista «Tempo»), são exemplo vivo dessa interacção. Aqui registámos palavras dos três primeiros jornalistas, ficando os restantes para a próxima edição desta Revista.



Cena da peça «Gota D'Água», vendo-se Calane da Silva representando

Influente no nosso mundo da arte e cultura Calane da Silva, 43 anos de idade, é para além de profissional de informação, aficionado do teatro e escritor — recorde-se que em Junho passado publicou a obra de prosa «Xicandarinha na Lenha do Mundo» junto da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO), da qual é Secretário-Geral Adjunto.

Surgido no jornalismo no tempo colonial, primeiro como colaborador em várias páginas de jornais que pertenciam a organismos e instituições a partir de 1965 e depois como repórter efectivo desde 1969 no «Notícias», Calane da Silva lembra que «o trabalho de informação estava condicionado à censura introduzida pelo governo colonial para o controlo da produção informativa que se fazia no país. Tal facto, contudo, não foi motivo para que os jornalistas dessa altura fizessem um jornalismo de carácter burocrático, no sentido em que alguns querem ter». Como adianta, «houve, por exemplo, o esforço autodidacta na nossa formação pois não havia escola de jornalismo. Aprendia-se através dos colegas, lendo-se livros relativos à profissão, lendo-se revistas e jornais de toda a parte do mundo para que nos empenhássemos por uma informação que informasse dentro das possibilida-

des e tornássemos o jornalismo muito mais vivo, apesar de se ter tido pela frente uma barreira imposta pela censura».

Com a fundação da Revista «Tempo» em 1970, Calane da Silva passa a estar a ela ligado como repórter. O facto de ter estado vinculado ao grupo de jornalistas criadores daquela Revista, contribuiu para que ele também desse um toque mais positivo no tipo de informação que se fazia porque os repórteres da época eram, fundamentalmente antifascistas e anticolonialistas.

Isso reflectia-se nas reportagens que eram feitas a mostrar uma outra realidade do nosso país,

por denunciarem a injustiça e por mostrarem a nossa própria cultura.

No jornalismo, mesmo durante o período da colonização de Moçambique, segundo Calane da Silva, «em todos os níveis havia entre os colegas o interesse pela cultura. Por exemplo, o Sindicato de Jornalistas tinha feito com que os profissionais de informação tivessem entradas gratuitas nalguns cinemas para a apreciação de filmes que fossem estreados. Via-se teatro e discutia-se o seu conteúdo. Fazia-se crítica através da informação não só da peça teatral assistida mas também de obras literárias que fossem lançadas, denunciando-se assim situações político-sociais que nos diziam respeito».

No passado, tal como hoje, os jornalistas não tinham uma aversão para com a cultura. Muitos jornalistas, já quando estudantes nos liceus, estavam ligados à representação de peças teatrais nesses estabelecimentos escolares e à divulgação de artes e letras através de pequenos jornais policopiados.

Como refere Calane da Silva, «os jornalistas estavam atentos aos eventos culturais. Não perdiam oportunidades de directa ou indirectamente participar no TALM (Teatro Amador de Lourenço Marques), nas peças de Lindo Nlhongo, Malangatana e outros. Na «Tempo» praticava-se também um jornalismo cultural que, aliás, sempre foi e até hoje é uma constante».

Calane da Silva: «É muito bom que o jornalista se empenhe também na produção de cultura e caminhe na prática dessa cultura»



JORNALISTA NO TEATRO

O aparecimento de Calane da Silva no teatro tem muito a ver com o passado de jovem estudante. Lembra-se de ter interpretado peças de Gil Vicente, grande dramaturgo português da idade média. Depois da Independência Nacional, com a liberdade de expressão e maior organização, o teatro, para aquele jornalista, continuou a ser pólo de atenções junto de profissionais de informação, amigos e conhecidos. No ano de 1982 liga-se à fundação da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO) e ao chamado grupo de teatro moçambicano que veio a constituir-se em associação cultural «Tchova Xita Duma» que naquele mesmo ano encenou a peça «Gota d'Água», a primeira grande produção de teatro entre nós depois de 1980.

O jornalista ao abraçar a cultura e ao praticá-la, quer a nível da «Tempo» na participação no teatro e noutras formas de arte: e ainda bem que essa chama não morreu; nós demos exemplo e outros seguiram-nos. Por outro lado, na «Tempo», como editora que é, criou uma apetência para a cultura com a aposta feita na edição do livro de cultura». Assim, na «Tempo» tem-se vivido num ambiente favorável à cultura e, como acentua aquele jornalista, actor de teatro e escritor, «é muito bom que o jornalista se empenhe também na produção de cultura e caminhe na prática dessa cultura: não falarmos apenas das coisas, mas estarmos envolvidos e enraizados nelas!

O jornalista ao abraçar a cultura e ao praticá-la, quer a nível da literatura, quer das artes, como a pintura por exemplo, está a inserir-se num mundo cultural que é seu e que é comunicação».

Não se considerando poeta mas «homem da prosa e da crónica do quotidiano» e que abraçou o jornalismo, Calane da Silva, depois de ter publicado a colectânea de poemas «Dos meninos da Malanga», outrora cortados pela censura, explica que «Xicandarinha na Lenha do Mundo» é um volume de histórias tão antigas como aqueles poe-



Maria Pinto de Sá aqui em contracena com Bartolomeu Tomé, na peça «A Prostituta Respeitosa»

mas, com a excepção evidentemente da segunda-parte do livro que trata de assuntos da actualidade. Algumas das personagens que aparecem na «Xicandarinha na Lenha do Mundo» são personagens que apareceram nos poemas «Dos meninos da Malanga» «porque, como esclarece Calane da Silva, «ali dou-lhes cor. Dou-lhes vida. Nos poemas estavam condensados pois a mensagem era mais rápida», rematando que «o meu caminho é fundamentalmente a prosa».

TEATRO É VIDA!

Maria Pinto de Sá, 38 anos jornalista de rádio e televisão, tem no teatro a sua paixão artística. Ela iniciou-se como jornalista na Revista «Tempo», onde esteve entre 1974 e 1977, ano em que até 1984 se ligou Escola Secundária Josina Machel onde, para além de ter sido professora, promoveu a prática de artes cénicas por estudantes que chegaram a representar uma peça de Bertolt Brecht intitulada: «O que diz sim, o que diz não».



Um visual de «A Prostituta Respeitosa», drama que teve em Maria Pinto de Sá a actriz de vulto

Como profissional de informação, Maria Pinto de Sá diz que «foi útil a experiência obtida anteriormente em serviço num centro de documentação do Instituto de Investigação Científica» que no passado apoiava o Centro de Estudos Africanos, os serviços de ecologia e de arqueologia da Universidade de Lourenço Marques (hoje Universidade Eduardo Mondlane). Hoje, trabalhando para a Rádio Moçambique, aquela cidadã realiza o programa de teatro radiofónico «Cena Aberta» e divulga obras literárias através dum outro programa designado «Página a Página».

Tendo sido uma das realizadoras do concurso didáctico e recreativo «Perguntar Moçambique», havido em 1984, e que propiciou a fundação da rubrica «Telerir» na nossa Televisão Experimental, na qual presta grande colaboração na cobertura do movimento cultural e artístico do nosso país Maria Pinto de Sá afirma que o interesse pelo teatro «começou quando era ainda muito pequena numa época em que o TALM realizava sessões de teatro na sua sede que se encontrava nas actuais instalações da Intermark».

Arrastada pelo irmão José Pinto de Sá, 40 anos, hoje um dos mais representativos encenadores do nosso teatro, aquela actriz de

teatro encantou-se com a vida artística que o teatro propicia primeiro nos bastidores e depois no palco perante a assistência, tendo por isso se filiado no TALM e feito parte do elenco de algumas obras exibidas. No entanto Maria Pinto de Sá considera que a sua participação séria no teatro data de 1982, altura em que o encenador brasileiro Martinho Lutero a convidou a tomar parte na produção de «Gota d' Água», peça que a catapultou para a representação de papéis de vulto em peças



José Pinto de Sá: «Viver uma vida que é o teatro, só tem sentido quando de plena consciência se traçam projectos e se estuda a execução deles»

como «Xiluva», «Prostituta Respeitosa» e «Guernica» que se seguiram no âmbito do projecto céptico do grupo «Tchova Xita Duma».

Maria Pinto de Sá adora o drama clássico. Confessou que «tenho estado a ferver com a ânsia de fazer teatro» e, por isso, diz, «sempre que posso faço adaptações, ensaio com actores e interpreto porque tal como o jornalismo o teatro é a minha vida». No seu projecto teatral para o ano corrente, ela conta encenar as peças «António, O marinheiro», que é uma tragédia grega escrita pelo português Bernardo Santareno, e «A preto e branco», que é uma trilogia contra o «apartheid» e ainda «O avançado-centro morreu ao amanhecer», peça de autoria de um dramaturgo argentino.

Aquela jornalista e actriz de teatro crê que «O nosso teatro registou um desenvolvimento único, no quadro dos países africanos recém-independentes porque não só apareceram grupos novos de teatro como surgiu gente para os ver e apreciar as suas obras». No entanto, como lamenta, «as estruturas que velam pela arte e cultura no nosso país não dão o devido apoio a esses grupos de teatro que trabalham sem parâmetros de avaliação, sem referências bibliográficas e sem perspectivas de melhorar as suas qualidades. Isso faz



Um episódio de «Cama Para Quatro», peça encenada por José Pinto de Sá

com que esses grupos de teatro escejam a marcar-passo»

Maria Pinto de Sá diz que já verificou que muitos jovens actores de teatro buscam apoios junto de empresas «como alternativa aos apoios que não recebem dos organismos de tutela da arte e cultura entre nós. Adiantou ainda que no seio da associação cultural «Tchova Xita Duma» há ideias no sentido de estudar a possibilidade de ela ligar-se à Organização Nacional de Jornalistas (ONJ), «partindo do princípio de que aquela associação é composta por actores que na sua maioria são joranlistas».

José Pinto de Sá, 40 anos, defende que não sendo o «Tchova Xita Duma» uma associação com fins lucrativos é importante que ela possua sócios beneméritos. Para já ela conta com algum apoio externo proveniente de certas organizações não-governamentais de países nórdicos no que toca ao nosso projecto de instrução teatral para as crianças que estão ligadas à associação».

Não obstante o facto de aquela associação necessitar de apoios para a efectivação de seus programas de trabalho no campo cénico,

e tendo em conta a experiência que possui no teatro, «está disposta a ajudar os novos grupos de teatro que existem entre nós, porque os primeiros passos de qualquer colectivo de teatro são sempre difíceis e qualquer apoio que se oferece é sempre encorajador», afirma José Pinto de Sá, que acrescenta que «gente nova também não falta no «Tchova». Assim, de acordo com as potencialidades artísticas existentes orientamo-nos em duas linhas diferentes: a primeira linha que é da responsabilidade de Abel Esmael é que está dirigida para a pesquisa e realização dum teatro de raízes moçambicanas (do qual a peça «Karingana Wa Karingana» foi experiência inicial), e a segunda linha que, sob a minha responsabilidade, visa explorar o teatro moderno e levar aos palcos obras de padrão universal mas que do ponto de vista cultural interessem ao nosso público (exemplo desse teatro encontramos na obra «Cama Para Quatro»).

Profissional de teatro da actualidade e jornalistas dos tempos do pós-independência nacional, primeiro no «Notícias» e depois na Revista «Tempo» José Pinto de Sá

é a favor de um teatro marcadamente educativo e de intervenção social «que aponte as situações como elas são e as critique duramente, se para isso for preciso, com o intuito de levar as pessoas a repensar a sua vida e os seus problemas. Com a intenção também de dar a essas mesmas pessoas uma visão optimista da realidade que vivem no quotidiano».

Como encenador, qualquer indivíduo preocupa-se obviamente com a disciplina e a seriedade dos actores que possua em seu redor e com a interiorização cabal dos papéis que a eles incumbe, bem como atende aos pormenores das expressões verbal, gestual e corporal e as nuances da voz em função do sentido emocional e psicológico de uma ou doutra mensagem a transmitir do palco, na busca da perfeição na arte de representar. Para José Pinto de Sá encenar é algo demais profundo porque, como diz, «fazer teatro é viver» — «É viver uma vida que é o teatro, só tem sentido quando de plena consciência se traçam projectos e se estude a execução deles ultrapassando problemas que se colocam no caminho do desenvolvimento». □